

Renembranchas: O Instituto de Letras

CMP J.2.2.172

F.R. Sampaio

Quando era diretor do Instituto de Letras da P.U.C. de Campinas, soía eu duas ou três vezes por semana, mais ou menos, dar uma volta na casa durante as aulas, superintendendo o trabalho dos inspetores e funcionários mais humildes, enquanto do mesmo passo acertava de ir ouvindo aqui e ali, dos cantos e corredores, pelas portas das salas muitas vezes entreabertas, as explicações e as atividades dos mestres com os alunos nas respectivas classes. Detinha-me então de espaço nesses lugares, aprendendo as lições.

Desse jeito me ia inteirando — e impende essa obrigação ao ofício de diretor — me ia inteirando do método didático, da matéria desenvolvida e da probidez intelectual dos professores nas suas classes. E de maneira muito feliz, sem que percebessem os mestres suas aulas ouvidas por uma “autoridade”, o que, não há duvidar, se adregasse, os tiraria do compasso natural delas, inibindo a uns, e a outros professores provocando arroubos de vaidade e de semostração.

Que belas explicações não ouvia eu entrementes! Que dissertações cheias de sustância dilucidadas com exemplos e fatos que lhes encavalgavam logó as ancas! E com bisonhos alunos, maravilhados, entabulavam diálogos socráticos veríssimos professores, a arpoarem com gåncho crítico, semelhando surpresas de prestidigitador para piazinhos inexpertos — uma verdade científica, um regra de gramática, uma equação filológica, um preceito moral, um pos-

tulado de filosofia, ou um juízo de crítica literária.

Com perdão do pedantismo, do anacronismo e da hipérbole, dir-se-ia estávamos nos jardins de Academo, onde ensinou Platão.

Os professores deste naipe, com suas dissertações, estimulavam e inflamavam os discípulos.

Nem todos os mestres, infelizmente haviam o mesmo arcabouço profissional e intelectual. Uma fina e mofina minoria deles não rimavam o seu procedimento com as excelências dos trabalhos que estou referindo. Natural: Eram professores porque lhes havia dado na veneta. Não por injunção inelutável do espírito.

A cátedra universitária lhes servia de bico. Tinham outras ocupações de mais polpudas rendas, cujos institores eram.

Davam de mal em pior o seu recado, moendo e remoendo em moinho emperrado, velho e relho, os idos, tidos e havidos da matéria que professavam. Jejunos e abstêmios de leitura, babaços na ignorância, paradoxalmente misonéistas na ciência. Sem éditos nem inéditos. Dele não há que dizer senão que estadeavam, qual os reis a sua púrpura, a sabença sem igual do Regimento (com letra maíscula sim senhor!) cujos artigos e parágrafos sabiam de cor e citavam a três por dois, boquiabrindo os papalvos

Muitas vezes não davam aulas para ensinarem o Regimento aos discípulos.

Sua presença em classe afogava o entusiasmo dos moços.

Diário do Povo - 25 III - 1982